Fundo Michel Maurice Debrun

ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
da
Fundação Getúlio Vargas
Secretaria

Cursos de Formação e Especiais
Professor: MICHEL DEBRUN IECS - 1.03

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS
TEMA: CIÊNCIAS DA NATUREZA E CIÊNCIAS SOCIAIS.

As considerações que até aqui desenvolvemos podem, até certo ponto, aplicar-se a tôdas as ciências, e não apenas às ciências sociais. É tempo, contudo, de distinguir o objeto próprio destas ciências, bem como os métodos específicos que lhes convêm.

É verdade que tôda uma tradição filosófica e científica pretende não existir diferença fundamental entre os fenômenos da natureza (fenômenos físicos e biológicos) e os fenômenos humanos (fenômenos psicológicos e sociais) e que, por conseguinte, não é necessário abordar o estudo dêstes últimos com outro espírito e métodos outros além daqueles já comprovados no estudo da natureza. Ainda que não sejam feitos do mesmo material que os fenômenos naturais, os fenômenos sociais deveriam, como êstes, ser considerados como "coisas". Isso significa:

a) que o estudioso, quando considera o desenvolvimento de uma civilização ou o de uma doença mental, não deveria identificar-se com seu objeto nem mais nem menos que um físico estudando a intensidade de uma corrente elétrica. Quer dizer que deveria, por um lado, abstrair-se de qualquer julgamento de valor, positivo ou negativo, e, por outro, alheiar-se tanto quanto possível da realidade estudada, para poder examiná-la objetivamente, como se faz com um mineral ou com uma planta. O historiador e o sociólogo deveriam, em particular, esforçar-se por considerar a civilização a que ambos pertencem com olhos de estrangeiro, como se se tratasse de uma civilização longínqua, ou desaparecida;

b) que a pesquisa científica deveria, em sua essência, basear-se no estabelecimento de leis, i. é, de relações constantes entre dois ou mais fenômenos. O mecanismo dos fenômenos naturais não pôde ser conhecido com segurança - diz o sociólogo Simiand - até o dia em que se conseguiu demonstrar que tal fenômeno conseqüente encontrava-se sempre relacionado com tal fenômeno antecedente. Se, portanto, às ciências do homem se devem inspirar nas ciências da natureza, o que se deve fazer é tentar estabelecer e pôr à prova, relações constantes dêsse gênero em psicologia, em sociologia etc. O próprio Simiand, por

Arquivos Históricos em História da Ciência (CLE - Unicamp)

Fundo Michel Maurice Debrun

exemplo, em sua obra monumental "O Salário, a Evolução Social e a Moeda", procurou provar que o aumento de salários na Europa Ocidental estêve sempre ligado a um afluxo de metais preciosos.

Porém, será realmente fundamentada essa redução do psicológico, ou do social, ao físico, ou ao biológico? Antes de responder a essa questão, ser-nos-á necessário procurar definir as características que permitem a identificação dos fenômenos humanos:

a) êsses fenômenos têm um sentido, "querem dizer alguma coisa". Ao escutarmos um discurso, ao considerarmos o modo de agir de um homem apanhando um ônibus, o de um sindicato em greve etc., sempre nos perguntamos o que significam êsse discurso ou êsses modos de agir. Em outras palavras, não o consideramos como puros fenômenos físicos - uma torrente de sons ou uma série de gestos no espaço - e sim como sinais, que nos conduzem a outros fenômenos dos quais não nos apercebemos imediatamente e que constituem exatamente o significado dêsses sinais (o sentido da oração estará na intenção daquele que a profere , naquilo que pretende provar etc.).

Ora, desde logo dou-me conta de que os fenômenos naturais, em particular os fenômenos físicos, não têm sentido: a queda de uma pedra não quer dizer nada, não há nenhum outro fenômeno dissimulado por trás dessa queda que possa ser considerado como constituindo seu significado - da maneira como a vontade de bater constitui o significado de um gesto de cólera. É certo que a queda de uma pedra tem uma causa - dependendo de um ou de vários outros fenômenos - porém uma causa difere muito de um significado: a causa e o efeito surgem, pelo menos lògicamente, um depois do outro (a causa dá lugar ao efeito), enquanto que a significação e o sinal são contemporâneos, pois no momento exato em que o homem toma o ônibus seu gesto adquire sentido. O sentido e o sinal não são, como a causa e o efeito, dois fenômenos distintos, porém dois aspectos - um visível, outro oculto - do mesmo fenômeno. Essa dualidade é a matéria por excelência dos fenômenos humanos.

Poder-se-ia, é bem verdade, sustentar a tese de que certos fenômenos físicos também têm sentido: o aviso "trânsito impedido" não seria o sinal - e não apenas o efeito - de uma proibição que constitui seu próprio sentido? Os instrumentos de civilização, de um modo mais geral, não se referem sempre a outras coisas que não êles próprios ? Esta observação é exata, mas é preciso acrescentar que tais instrumentos só têm sentido em função do homem e não em si: o tilintar do telefone, intrìnsecamente, não quer dizer um chamado; só possui êsse significado porque o homem quer que assim seja, para facilitar as relações humanas. O sentido não se concebe, pois, sem a presença do homem, enquanto que as relações de causa e efeito se encontram por tôda a parte.

Arquivos Históricos em História da Ciência (CLE - Unicamp)

Fundo Michel Maurice Debrun

b) O sentido de um fenômeno humano não é isolado: revela-se no interior de uma totalidade. Não posso compreender a conduta de um homem ou de um grupo levando em consideração exclusivamente essa conduta. Todo comportamento torna-se mais claro à luz de um conjunto, que por sua vez é clarificado, em parte, pelo próprio comportamento em tela: posso compreender o significado da ação de um partido político colocando-a no tempo, de maneira a poder saber se êsse partido é verdadeiramente conservador ou revolucionário. Da mesma forma, o psicólogo Piaget demonstrou que a mentalidade infantil forma um todo: o conhecimento do comportamento intelectual da criança permite-me compreender melhor seu comportamento moral ou afetivo, e vice-versa. Daí resulta que, tomado dentro de diferentes contexturas psicológicas ou sociais, o mesmo comportamento não possui talvez o mesmo significado, nem tampouco as mesmas conseqüências: dêsse modo, em história, o nacionalismo político poderá surgir seja como atitude revolucionária, nas ocasiões em que se apresenta como expressão de uma vontade de libertação - por parte de um povo colonizado ou semi-colonizado, seja, pelo contrário, como atitude conservadora, quando exprime uma recusa à transformação, lado a lado com a vontade de conservar indefinidamente posições adquiridas (é, freqüentemente, o caso do nacionalismo nos países da velha Europa); essas duas atitudes, aparentemente idênticas, resultarão em tomadas de posição e em reações políticas, econômicas, culturais etc., absolutamente distintas.

Se admitirmos que os fenômenos humanos possuem um sentido e que o sentido de cada fenômeno deve ser compreendido com base na totalidade sintética dentro da qual o fenômeno ocorre, concluímos imediatamente que não é mais possível colocar no mesmo plano as ciências da natureza e as ciências do homem. Com efeito:

a) o sentido de um ato individual ou coletivo sòmente pode ser percebido através da "simpatia"(experiência com). Suponhamos que eu pretenda analisar um gesto de cólera da mesma maneira como o físico - estuda a queda de uma pedra, isto é, como uma realidade inteiramente à parte; deverei, para poder chegar a isso, procurar não "simpatizar" com êsse gesto (não tentar, por exemplo, adivinhar intuitivamente seu objetivo: ferir alguém, resolver uma tensão interior etc.) e contentar-me com considerar as manifestações puramente objetivas do comportamento (rubor facial, punhos crispados...); porém, ao mesmo tempo, arrisco-me a deixar de lado, em minha análise, o próprio sentido da cólera - e.g., a vontade de prejudicar outrem - considerando sòmente alguns fenômenos fisiológicos que poderiam com igual facilidade ter lugar no caso de um autômato e que, em si, não possuem significação própria. Só posso perceber o sentido de um comportamento se participo da experiência mental de outra pessoa (ou de um grupo social), se consi-

Arquivos Históricos em História da Ciência (CLE - Unicamp)

Fundo Michel Maurice Debrun

go, de certo modo, reproduzir sua "visão-do-mundo", constituindo essa reprodução justamente aquela "simpatia" de que falamos (literalmente: "experiência com"; simpatizar com alguém neste contexto, não significa ter afeto por êsse alguém, e sim, simplesmente, ser capaz, pelo menos de maneira parcial, de viver, em pensamento, no universo dêsse alguém). As manifestações objetivas do comportamento constituem, para o psicólogo, o sociólogo, o historiador, o economista etc., simples índices baseados nos quais se esforçam êles por reconstruir o sentido. Tal sentido não é determinado, não é visível - ou, pelo menos, não é inteiramente visível - e apenas por intermédio de uma espécie de antecipação intuitiva posso pressentí-lo. É necessário renunciar ao naturalismo ingênuo, segundo o qual o conhecimento dos fenômenos humanos seria efetuado por meio de uma leitura direta, análoga à que tem lugar no caso dos fenômenos naturais.

b) Se os fenômenos humanos só adquirem sua significação no contexto de uma totalidade, torna-se difícil estabelecer leis psicológicas, sociológicas etc., como Simiand pretendia que se fizesse. Só posso falar em lei, no sentido próprio, se um fenômeno B resulta constantemente de um fenômeno A (dêsse modo, é por uma lei que o aumento de pressão, em física, está ligado a uma diminuição de volume, pois, sendo idênticos todos os demais fatôres, êsses dois fenômenos se apresentam sempre correlacionados). Porém, em psicologia, em sociologia etc., não existe nenhum fenômeno A e nenhum fenômeno B que possam ser destacados da contextura dos demais fenômenos. Voltando ao exemplo dado há pouco, não temos direito de enunciar leis como "Tôda manifestação de nacionalismo político apresenta-se ligada a uma atividade revolucionária no plano social", pois, em certas situações, é o oposto que acontece: é exatamente para não mudar que certas sociedades se entregam a um nacionalismo exasperado. O estabelecimento de leis torna-se possível em física por isso que o físico consegue isolar dois ou mais na-tessitura infinita dos fenômenos, ao mesmo tempo que mede suas correlações sem ter de preocupar-se com quaisquer outras. A visão que o físico possui da realidade é densamente analítica. Já as ciências do homem exigem um ponto de vista sintético: não se trata, no caso delas, de pesquisar e de medir, de um lado, a correspondência entre um ou vários fenômenos e, de outro lado, um ou vários outros fenômenos, e sim de colocar cada fenômeno em um conjunto ao mesmo tempo econômico, político, cultural etc., fora do qual o fenômeno deixa de ser o mesmo. Veremos, todavia, que as ciências humanas podem tentar - especialmente a sociologia - a formulação de leis, porém essas leis têm de submeter-se à seguinte alternativa:

a) conseguirão relacionar de maneira constante um fenômeno A a um fenômeno B, mas sob condição de permanecerem demasiado gerais; dês

Arquivos Históricos em História da Ciência (CLE - Unicamp)

Fundo Michel Maurice Debrun

se modo poderei dizer: "todo período de anarquia é acompanhado pelo advento de um poder forte"; mas uma fórmula dêsse tipo não me fornece a menor informação sôbre a natureza dêsse poder forte (dependendo da situação, poderá ser republicano, anti-republicano etc.), não sendo, portanto, de maior interêsse nem para o sociólogo nem para o político;

b) ou constituirão "leis de estrutura", aplicáveis exclusivamente a êste ou aquêle tipo de individualidade psíquica, a êste ou aquêle tipo de sociedade etc., ficando encarregados de exprimir as correlações existentes, dentro de cada um dêsses tipos, entre as diferentes manifestações que o caracterizam.

Exemplo: não temos o direito de dizer que o enfraquecimento das crenças religiosas acarreta, de um modo geral, um aumento na média dos suicídios (como, aliás, pretendia Durkheim): pode ser, com efeito, ùnicamente no caso de sociedades desorganizadas e desorientadas, que o desaparecimento das crenças tradicionais produz essa conseqüência. Entretanto, por outro lado, tenho todo o direito de mostrar as correlações estreitas que surgem, nas sociedades desorganizadas (e sòmente nelas), entre o declínio da religião, o aumento da freqüência dos suicídios, o progresso da arte abstrata, das idéias "avançadas", a instabilidade do govêrno etc. Todos êsses fenômenos têm o mesmo sentido, uns levando indefinidamente aos outros. São essas totalidades, êsses "tipos", que as ciências humanas devem tentar delimitar e descrever, ressaltando, de maneira sistemática, certos traços significativos que talvez apenas se esbocem na realidade: o estudioso constrói, então, para usar a expressão do sociólogo alemão Max Weber, o "tipo ideal", o essencial correspondente a esta ou aquela sociedade; esforça-se, por exemplo, por destacar o tipo ideal de uma doença mental como a esquizofrenia, ou o de um sistema social, como o fascismo. Porém, as correlações estabelecidas entre os diversos aspectos de um tipo psicológico ou social não são, uma vez mais, verdadeiras leis, pois não exprimem uma relação invariável entre um fenômeno A e um fenômeno B, e sim, apenas, uma relação entre A e B no contexto de determinada estrutura psicológica ou social.

Portanto, nas ciências humanas, as leis ou são gerais a ponto de não nos poderem informar sôbre a vida concreta, psicológica ou social; ou então são de tal modo particulares, de tal modo adaptadas a êste ou aquêle tipo psicológico ou social que não chegam a ser pròpriamente leis.

Conclusão: A necessidade de recorrer, para compreender os fenômenos humanos, a um processo em parte afetivo, como a "simpatia" e, por outro lado, a ênfase emprestada pelos psicólogos, historiadores, so-

Arquivos Históricos em História da Ciência (CLE - Unicamp)

Fundo Michel Maurice Debrun

ciólogos etc., à pesquisa dos tipos de preferência à das leis, são suficientes para distinguir sensìvelmente d espírito e os métodos das - ciências do homem, do espírito e dos métodos das ciências da natureza. Aí surge, entretanto, outra questão: se as ciências do homem têm de afastar-se dos processos tradicionais da pesquisa científica, processos êsses que puderam à prova a eficácia da física, da química, da biologia etc. - poderão tais ciências ainda assim atingir a objetividade? Merecerão, ainda assim, o nome de ciências? Sobretudo, como poderei assegurar-me de que minha interpretação do comportamento de um indivíduo ou de um grupo é correta, como saber se não lhe estou atribuindo intenções ilusórias, projetando sôbre êle minha própria subjetividade? Veremos mais adiante quão complexa é a solução dessas questões e que essa solução depende, em parte, da resposta que daremos, na próxima palestra, a esta outra questão: podem os fenômenos humanos ser medidos, da maneira como se aferem os fenômenos físicos? A introdução da aferição em uma disciplina sempre foi considerada, na verdade, como garantia de objetividade: se os fenômenos humanos, pôsto que diferentes dos da natureza, pudessem ser medidos, seria então possível falar em "ciências humanas", preservando-se, ao mesmo tempo, o caráter "sui-generis" dessas ciências.

*
* * * *
* * *
* *
*

Arquivos Históricos em História da Ciência (CLE - Unicamp)